

REFORMA AGRÁRIA**

José Graziano da SILVA*

No Brasil, na época da colônia, quando o preço do café era alto, existia fome, um paradoxo interessante. Por quê? Porque todo mundo deixava de plantar o arroz e o feijão para plantar o café. Quando o preço do café estava ruim, baixo, sobrava comida, pois as pessoas se dedicavam às suas atividades de subsistência. Mas o que tinha valor era o café, não o resto. Isso no sistema anterior. Com a agricultura se transformando em uma atividade industrial, cada um dos seus produtos tem seu valor: ração tem valor, ovo tem valor, galinha tem seu valor, a gaiola tem seu valor, pois tudo é comprado e vendido. Isto é um mercado capitalista. E foi o que aconteceu em nosso país de 1950 a 1980 mais ou menos, esse processo de modernização da agricultura que vai terminar no que chamamos de complexos agro-industriais.

A partir dos anos 80 o Brasil tem uma agricultura moderna, dinâmica, concorrendo com as principais agriculturas do mundo.

Nos anos 80, a agricultura não foi mal, mas o problema é que se sucederam algumas séries de crises e aquela população que estava sobrando da agricultura não estava encontrando um espaço de inserção urbana.

(*) Engenheiro Agrônomo, Professor Dr. Titular de economia agrícola do Instituto de Economia da Unicamp e bolsista do CNPQ.

(**) Seminário apresentado em abril de 1997, no Curso de Especialização: Cidade e Gestão: uma abordagem multidisciplinar do Instituto de Ciências Humanas - ICH - PUC-Campinas.

Esse processo de arrebentar o sistema anterior e criar os complexos tem brutal aumento de produtividade. Então, nesta evolução dessas atividades capitalistas, típicas da atividade industrial, aumenta a produtividade de modo que, para produzir a mesma quantidade de produto precisa de menos gente. Antes, quando eu queria saber como é que ia o emprego agrícola, era só pegar o calendário de atividades e você sabia mais ou menos quanta gente estava ocupada. Por exemplo, na época de cana eu podia saber quanta gente estava trabalhando, pela área que estavam colhendo, a área que estava produzindo. Hoje eu não tenho mais essa idéia, é muito mais difícil de saber.

Atualmente, grande parte da colheita de cana é realizada mecanicamente. Aqui na região de Campinas, principalmente Barão Geraldo, era um grande algodoal. Era muita gente para colher algodão, até escola parava.

Hoje, onde tem algodão, passa uma colhedeira que faz o trabalho de 120 homens em um dia. Então, essas atividades que se mecanizaram, se modernizaram, aumentaram muito a produção e a lucratividade. O sistema anterior ocupava muita gente dentro da fazenda e a modernização começou a empurrar gente para fora, para a cidade. Enquanto a cidade estava crescendo, criando indústria, construindo prédio, essa gente que veio do campo encontrou um espaço, um lugar para se acomodar. Aí, nos anos 80 vem a crise, a grande crise, e o Brasil para de crescer na sua atividade industrial. Mais do que isso, a atividade industrial também se moderniza. E passa a absorver pouca gente com esse processo de reestruturação produtiva. O caminho, a porta de entrada da cidade para o migrante rural era a construção civil. As pessoas que vinham da Bahia, Nordeste, Pernambuco, vinham até a Rodoviária e saíam para procurar uma obra. Porque na obra tinha um lugar para dormir, banheiro, emprego, sociabilidade e companhia. Então, a partir desse momento, o migrante se inseria na sociedade. Ele não ia dormir debaixo da ponte, virar marginal a serviço do traficante, ele tinha um processo de inserção social produtiva. E na construção civil ele tirava

seus documentos, conseguia uma carta de referência, conseguia se inserir nesse novo mundo, nessa nova sociedade.

Isso porém nos anos 80 acaba. Porquê? Porque nos anos 80 a construção civil também acabou. Por exemplo, no interior do Rio Grande do Norte, numa cidadezinha pequena, a Caixa Econômica Federal estava construindo um prédio e tinham que fazer uma laje. Ela teve que ser feita no domingo porque precisava de tanta gente para carregar concreto, que tinha de ser feito no mesmo dia, tendo sido necessário fazer um mutirão no domingo: eram quarenta pessoas carregando aqueles baldes de cimento com terra para fazer a laje.

É um processo que não é mais artesanal. Porém, lá ainda é artesanal, um monte de gente trabalhando com cimento nas costas.

Então essa mudança na construção civil vai acabar com outras indústrias. Não absorvem mais gente, principalmente não absorvem mais gente não-qualificada.

Nos anos 80 houve esta redução, e isso dá para mostrar muito bem pelo nível de absorção de uma população trabalhadora.

Na atividade urbana que vinha crescendo é sempre desejável que as taxas de crescimento que envolvem a população sejam pelo menos maiores que a taxa de crescimento demográfico. Por quê? Porque, por exemplo: a evolução do emprego. Se o emprego aumentou 3 %, isso é bom ou é ruim? Se a população aumenta menos que 3 % é bom, se a mesma aumenta mais que 3% é ruim, está gerando menos emprego do que gente que quer trabalhar.

PEA é a população economicamente ativa, gente que trabalha. De 81 a 86, nós tivemos taxa de crescimento da população urbana em torno de 1.8 a 2 %. Então todo número que for maior que 2 % está bom. O setor urbano, no começo dos anos 80 ainda estava muito bom, depois ele começa a desacelerar. Nos anos 90, para de crescer, para de absorver gente. No rural, já vinha baixo, a agricultura já não vinha absorvendo gente, depois ela começa a crescer.

Rural é gente que tem domicílio rural. E agrícola é gente que trabalha na atividade agrícola. Essa separação é importante

porque nem todo mundo que mora na cidade trabalha em atividade urbana. Tem muita gente na cidade que trabalha em atividade agrícola e o inverso também é verdadeiro, nem todo mundo que mora no campo trabalha em atividades agrícolas.

E o que exatamente começa a acontecer na segunda metade dos anos 80 é isso: a atividade agrícola começa a se reduzir por conta do crescimento da mecanização. Há estagnação da área cultivada no país, que deixou de aumentar sua safra, que às vezes passa a ser negativa, quando já era baixa, era menor que o crescimento populacional. E o que passa a crescer mesmo são as atividades não-agrícolas e número de desocupados, que antes vinha diminuindo, de repente começa a crescer 14 %. Então, essa é a mudança que acontece em meados dos anos 80. Esse país muda de cara, ou seja, a indústria de atividade urbana deixa de absorver mão-de-obra e as atividades agrícolas aceleram a dispensa de mão-de-obra. Cresce o número de desocupados, que passam a ser uma proporção crescente da força de trabalho, inclusive no meio rural. Tem gente desocupada, desempregada no meio rural, que é uma novidade, pois o espaço rural é um espaço privado. Você está acostumado a ficar desempregado na cidade.

Até os anos 80 essa figura do desocupado rural é uma novidade, depois passa a ser uma coisa visível porque cresce esse número. Os desocupados onde estavam? O número de pessoas que trabalham no meio rural é muito maior e está ficando cada vez maior do que as pessoas que trabalham nas atividades agrícolas.

Em 1990, dos 100% das pessoas ocupadas, a nível de Brasil, 64%, ou seja, 2/3, estavam ocupadas em atividades agropecuárias. No Brasil, em média, a cada 3 pessoas que moravam no campo, 2 trabalhavam em atividades agropecuárias, 1 não trabalhava. No que ele trabalhava? Sete por cento trabalhavam em indústria, agroindústria, indústria de transformação; Três por cento trabalhavam na construção civil, que faz casa no meio rural.

Na região Sudeste a proporção já é muito maior das pessoas que não trabalham em atividades agrícolas: 60% de cada 10

peças, 6 trabalham em atividades agrícolas; enquanto 4 não trabalham em atividades agrícolas. Aparece um destaque: 13% em prestação de serviços. Como é que alguém que trabalha no meio rural presta serviços? É o agrônomo, contador, telefonista, motorista do ônibus, a professora, uma série de serviços ligados a atividades produtivas. Mas tem mais do que isso. Vocês já passaram numa estrada. O que tem numa estrada? Não tem só cana. Não tem hotel-fazenda? Não tem "Pesque-e-Pague"? Não tem haras? Não tem as pessoas que vendem queijo, garapa, mel de abelha, fruta, sacolinha de laranja? Estão prestando serviço, como na cidade (na cidade tem a laranja já congelada).

De onde vêm: sua faxineira, a diarista, o guarda-noturno? Vêm da zona rural, eles moram hoje na zona rural porque é mais barato, nos vilarejos, naqueles bairros suburbanos e loteamento clandestinos. É da zona rural que eles vêm prestar serviço na cidade.

No meio rural tem muita gente trabalhando. Vamos pensar em São Paulo, 1990: 418.000 trabalhadores envolvidos em atividades agropecuárias, mas tinha um total de um milhão e meio de pessoas no meio rural. Então, tem mais gente no meio rural que não trabalha com fazenda, mas mora na zona rural. O que eles fazem? Há uma lista de coisas: motorista, trabalhador de escritório, comércio, empregada doméstica (119.000 em São Paulo que moravam no campo). O que eu estou querendo dizer com isso é o seguinte: alguém já ouviu falar sobre as funções da agricultura na economia? O que se espera da agricultura? Que nos dê alimentos. Fundamentalmente que gere o abastecimento nas cidades. Então, espera-se mais do meio rural. Mais do que a função agrícola: que ajude a gerar emprego, que seja um local de residência, lazer. São novas funções que apareceram principalmente nos países que têm agricultura moderna. O rural virou aí um espaço de moradia e de lazer, além de ser o espaço produtivo. E mais uma coisa se espera do rural: preservação ambiental dos recursos naturais. Então, de repente eu agreguei naquela função nobre agrícola de produzir alimentos, 3 outras novas funções que eu espero não do agrícola, mas do rural: moradia, lazer, preservação.

Evidentemente isso gera espaços de inserção produtiva, de empregos, trabalho, ocupação, fonte de renda para as pessoas. É isso que se pensa do mundo rural nos países modernos.

Um outro contingente importante de pessoas ocupadas nas cidades paulistas são os caseiros (para as casa de finais-de-semana), jardineiros, etc. Meu vizinho se mantém como jardineiro: ele faz o jardim dos professores da UNICAMP na Cidade Universitária.

Essas atividades não-agrícolas passam a ser fundamentais como fontes de renda dessas pessoas por duas razões: primeiro porque ela estabiliza muito a renda das famílias rurais. Quando vem só da agricultura, é uma renda instável (o sujeito gasta o ano inteiro e só recebe na colheita), é um problema muito sério. Normalmente, quando chega a hora da colheita, a família está tão endividada que ele entrega a colheita para o primeiro atravessador por preço baixo.

Vocês já ouviram falar de preço mínimo, de empréstimo de comercialização ?

Todas as políticas agrícolas do governo foram sempre medidas a crédito para evitar que o agricultor tenha que se endividar, tenha que vender sua produção para os atravessadores.

A atividade não-agrícola dá essa vantagem. Primeiro, uma família que com mãe ou filha que trabalhe de empregada doméstica tem certeza de poder contar todo mês com um salário mínimo, que poderá ser usado até para subsidiar a produção agrícola. É uma fonte de renda monetária constante.

Segundo ponto: em geral, é uma fonte de renda maior do que a gerada pelas atividades agrícolas. E hoje não vale a pena criar frango em casa, ter uma horta. Os produtos às vezes nos supermercados são mais baratos.

Uma família rural que se envolve com atividade agrícola, quando consegue uma inserção em uma atividade não-agrícola para completar o seu tempo e completar sua renda, em geral a renda dela não só estabiliza, como aumenta. Com relação a todas as regiões do Brasil: eu pego a renda das famílias envolvidas em atividades

agrícolas e coloco igual a 100 (em todas as regiões elas são iguais a 100). Todas as outras rendas das outras atividades são maiores, exceto aqui na zona centro-oeste, na prestação de serviços. Mas é o único número nessa tabela que é menor que 100.

Vejamos na região Sudeste, por exemplo: o número de pessoas que trabalham em serviços pessoais é igual a 115. Vamos supor que serviços pessoais sejam só de empregadas domésticas. Em média, as empregadas domésticas ganham 15% a mais do que o setor agrícola em São Paulo.

Todas as atividades agrícolas, mesmo das pessoas que moram na zona rural, são superiores às rendas agrícolas.

Então, aqueles que vendem saquinho de laranja, caldo-de-cana, ganham mais do que se venderem a cana. Essa agregação de valores, que é a prestação de serviços, estabiliza a renda e eleva o valor dela.

Alguns números dos anos 1992 a 1995, são dados que acabaram de ser divulgados pelo IBGE. Eu fiz um corte aqui para mostrar para vocês que cada vez aumenta mais o número de pessoas que trabalham menos tempo, em tempo parcial. Quer dizer que a atividade agrícola está se tornando cada vez mais uma atividade de tempo parcial..

Vamos comparar os que trabalham até 14 horas e os que trabalham mais do que 15 horas por semana (mais que 15 horas por semana é considerada ocupação completa). Se pegarmos a variação entre 1992 e 1995, vamos ver que na atividade agrícola diminuiu quase 500.000 pessoas que trabalham mais do que 15 horas.

Se pegarmos os que trabalham até 14 horas, aumentou 100.000 pessoas. Então, está diminuindo o número de pessoas que trabalham em tempo integral nas atividades agrícolas e está aumentando o número de gente que trabalha em tempo parcial.

Resumindo, eu mostrei primeiro como é que um conjunto de atividades dentro da fazenda foram transferidas para a

cidade. Como é que saíram de dentro da fazenda do meu avô a olaria, a serraria, a produção apícola, e se tornaram novos ramos de atividade. As cidades passaram a absorver bem o que a agricultura empurrava para fora.

Nos anos 80 há uma reestruturação produtiva nas atividades urbanas, que deixam de absorver gente: diminui a geração de emprego e a agricultura continua empurrando gente para fora. E começa a aparecer também gente desocupada no próprio meio rural, no próprio campo, o que era novidade até os anos 80. E aí, há uma mudança desse meio rural.

O meio rural começa a crescer e se torna maior do que o agrícola. Porque se demandam dele novas funções, novas atividades que não são estritamente produtivas. O rural não é um lugar onde se produz só arroz, feijão, mandioca, laranja, soja. Ele produz também habitação, residência e preservação do meio ambiente. Aumentou então o espaço produtivo, aumentaram as funções do meio rural. Esse novo rural brasileiro não é exclusivamente agrícola, ele é mais do que só agrícola.

Agora eu vou entrar com uma outra idéia importante para desenvolvermos.

Em geral, confunde-se a idéia de que desenvolvimento agrícola leva ao desenvolvimento social ou rural. Espera-se que, à medida que a agricultura vai se tornando cada vez mais moderna, isso propicie melhores níveis de bem-estar para a população da região. Infelizmente, essa idéia de que o desenvolvimento econômico leva ao desenvolvimento rural, no Brasil, é uma exceção.

As regiões de maior desenvolvimento agrícola não são as regiões que têm os melhores índices de vida, saúde e renda. A figura do bóia-fria é paradigmática. Numa região, por exemplo, como Ribeirão Preto, essa gente vive numa região rica, próspera, mas uma das regiões mais miseráveis em termos de trabalhador rural. Essa dissociação entre o desenvolvimento agrícola e o desenvolvimento rural, esse não-paralelismo se deve ao nível de salário, que é muito

baixo no Brasil. Nos anos 80, o salário-mínimo estava na faixa dos 60, 70 dólares. Agora está em 112 dólares.

Nossa região tem grandes níveis de pobreza em função dos baixos níveis de renda; o rural teve uma concentração de renda muito grande. Além da renda ser baixa, ela é muito concentrada. E a concentração de renda no rural tem muito a ver com a concentração de terra. Quando a terra pertence a um dono só, toda a renda acaba indo para um bolso. Se uma região tem uma terra melhor distribuída, a tendência é ter uma renda melhor distribuída também.

O Brasil junta duas coisas perversas: os baixos índices de salários e os altos índices de concentração de renda e terra. O Brasil é hoje o que tem o maior índice de concentração de terra do mundo. Até alguns anos atrás ele perdia para o Paraguai, hoje passou à frente dele.

Qual é o problema desse nível de concentração de terra ?
O que é o problema agrário hoje ?

O quadro é o seguinte: há uma agricultura que se modernizou, tem alto nível de produtividade, grandes rendas, grande concentração, mas aí mudaram as coisas no meio do caminho e a agricultura começou a gerar desemprego e a cidade começou a absorver o contingente humano que veio do campo.

Hoje, a pessoa que sai da zona rural e tenta se inserir nessa cidade grande, não consegue. Não tem mais espaço de inserção para ela nem na marginalidade social.

O conceito de marginalidade que sociólogos discutem já não serve mais. O tráfico, a favela são marginais no Rio de Janeiro? Não.

No final do ano passado eu fui fazer uma palestra em Areias, cidade do interior da Bahia, com 20.000 habitantes. Ela tinha uma usina, a Nova América, que empregava 6.000 pessoas e que fechou. Foi para lá uma promotora (porque quando fecha uma empresa, os trabalhadores são seus credores privilegiados). As máquinas foram a leilão e a promotora mandou intimação para os ex-

trabalhadores para chamá-los a receber o 13º salário, férias, etc. E ela estava lá na minha palestra e se levantou para mostrar a lista, a relação que a polícia de SP tinha localizado.

Tinham identificado 190 pessoas: 3 mortos por tentativa de assalto, estes não conseguiram entrar para uma quadrilha competente; 6 presos por tentativa de assalto, roubo, aguardando julgamento. Não dá para se inserir nem mais como marginal, não se consegue virar bandido, nem prostituta, nem “flanelinha” (guarda-carros). Isso tudo já está organizado, estruturado. Este é hoje o quadro social.

E hoje, é normal que as prefeituras dêem uma passagem de volta nos centros de triagem, para se livrar do problema.

Voltando ao problema da concentração de terra, ele não é um problema em si mesmo. O problema é a gente sem terra que ela faz. Os principais autores clássicos que tratam da questão agrária brasileira insistiam muito nisso: não há o problema de terra, mas sim o dos sem-terra. Por isso que chamam “Movimento dos Sem-Terra”. Esses que são o problema. O que vamos fazer com essa gente? Antes, essa gente, na fazenda do meu avô, ficava por ali. Lá eles plantavam uma rocinha, mandioca, criavam galinha; nas atividades de subsistência artesanal, conseguiam se reproduzir e sobreviver. Quando eles foram postos para fora da fazenda e foram para as cidades, conseguiram trabalhar na construção civil, na auto-construção, compravam um terreninho, dividiam e nos anos 60 e 70, conseguiram se inserir.

Nos anos 80 não tem mais esse espaço, é bate-e-volta, ou ele é morto ou ele mata. Então a alternativa dele é viver na marginalidade, se conseguir inserção, ou voltar para um lugar desocupado no rural.

De um lado há gente sem terra, de outro há terra sem gente, não há cerca que agüente e impeça que essas terras sejam vistas como uma fonte de ocupação, moradia.

O drama não é que a terra está concentrada, mas sim, que não temos o que fazer com essa população que sobra.

Os clássicos todos que trataram de questão agrária no Brasil sempre enfatizaram isso, que o problema não era a questão da terra e sim, uma superpopulação excedente. E não é que não eles não tenham terra, eles não têm nada ! Tem uns que tem o privilégio de serem do Movimento dos Sem-Terra, mas são só os privilegiados; porque a maior parte não tem terra, emprego, casa, saúde, educação, dente, alimento, nem organização social por trás. Os sem-terra têm pelo menos movimento social organizado por trás, pelo menos têm uma "cara", uma maneira política. Essa capacidade de luta e organização é muita coisa. O problema não são os sem-terra, são os outros 6.000 que se espalharam por este país e outros milhares.

A Paraíba tinha nove usinas. Entre 86 e 90, fecharam 8. São 150.000 pessoas que ficaram desempregadas só na cana-de-açúcar. A região Nordeste produzia um milhão de dólares de algodão, hoje apenas 200 ou 300. O Brasil importa 800 milhões de dólares de lã de algodão do Casaquistão para as tecelagens do Nordeste e Ceará. Isso destruiu a produção algodoeira do Nordeste, e 400 mil pessoas perderam seu emprego, e não têm para onde ir. É um problema dos sem terra, sem organização, sem seguro, esse movimento que vira meio anárquico. De repente, são invadidos, levam tiros, morrem.

Um segundo ponto: o preço da terra.

A terra concentrada, a terra em poucas mãos gera preços muito altos. Se eu pegar um hectare de terra, por exemplo, no estado de São Paulo deve custar mais ou menos, hoje, 1.500 dólares. Essa mesma terra, a melhor terra dos EUA, uma região parecida com Campinas, vale 800 dólares, a metade. Na Argentina, que é considerada uma região de pântano, a mais fértil do mundo, tem solo de 18 metros de profundidade, vale 3.000 dólares.

E o preço da terra no Brasil não foi sempre alto. Quer dizer, relativamente a outros preços sempre foi, mas cresceu muito. Se nós pegarmos uma série comprida, Brasil e São Paulo, em 1986 o hectare de terra já valia 1.000 dólares, já era elevado. Mas o que aconteceu

em 86? Quem tinha terra em São Paulo recebeu um dinheiro subsidiado, os créditos agrícolas foram para quem tinha terra.

Por exemplo, quem tinha terra, tinha café, pôde arrancar o café subsidiado para plantar cana. Depois, pôde tirar a cana para plantar laranja subsidiada. Agora, pode arrancar a laranja para plantar cana também subsidiada.

O acesso à terra, fato de ter a propriedade da terra é o caminho do acesso a outras formas de dinheiro. Quem tem terra, tem crédito, tem dinheiro!

À medida em que as políticas agrícolas foram aumentando nos anos 70 tem mais crédito subsidiado. O preço da terra dá um salto, passa de 1.000 para 4.000, fica num outro patamar.

Depois tem a crise dos anos 80, o corte de crédito cai. Depois vem o Plano Cruzado, o preço da terra chegou a 9.000 dólares em média nessa região do estado de São Paulo. No Plano Real, sobe o preço da terra, agora está caindo de novo. Essa é uma tendência importante: enquanto tivermos esses níveis de prestação elevados, o preço da terra é baixo, a atividade agrícola não pode ser outra coisa.

Não é à toa que os pequenos estão chegando, os pequenos conseguem pagar, o preço está abaixando. O preço da terra, que é um meio de produção fundamental, sofre essas oscilações. Nós precisamos de uma série de coisas para empurrar cada vez mais esse preço para baixo.

Por que o preço é alto ?

Primeiro porque a terra é essa fonte de acesso de outras empresas. Uma segunda razão é que ela é uma forma de poupança: todos sabemos que o caminho para comprar uma casa é comprar um lote de terra; espera a prefeitura asfaltar, colocar água, espera o Estado fazer as benfeitorias sociais para organizar sua propriedade e daí você vende e compra um apartamento.

Todos nós aqui, de alguma maneira, somos especuladores, porque isso é uma especulação fundiária.

A terra não custa nada. Para você ter um carro custa: por gasolina, dar manutenção, ter uma garagem. A terra não custa, não desvaloriza, não estraga. Pelo contrário, ela recupera a utilidade. Ela é um bem liberado para ser uma reserva de valor. A menos que a gente venha e tribute essa terra e imponha um custo ao proprietário da terra.

Sabe o que é isso que a prefeitura faz?

Por exemplo seu terreno vai deixar lá esperando valorizar. A prefeitura vai lá, cobra IPTU, o senhor vai ser obrigado a morar, a limpar o terreno.

E no meio rural, o que é feito? Nada.

O agricultor não paga imposto de renda. Exemplo: eu moro na área rural e tenho terreno na Cidade Universitária, em Campinas e pago todo ano 150 mil reais de IPTU, o terreno tem 450 metros quadrados. Eu moro numa chácara da divisão urbano/rural, tem asfalto até duas quadras, e minha chácara tem 10.000 metros quadrados. Em média, o IPTU urbano dos grandes centros está na faixa de 50 dólares por ano o metro quadrado.

Para fechar, eu acho que hoje você tem uma essência da questão agrária no Brasil, que é os sem-terra; o problema do preço da terra, porque o fato de ter muita terra sem gente e muita gente sem terra é o problema do preço (em economia isso é o problema do preço); você tem muito carro sem vender e muita gente sem carro, é o problema do preço do carro. Os economistas pensam assim: quando você tem abundância de um lado, escassez de outro, é só questão de ajustar o preço. Cada vez mais tem gente sem terra e tem uma tendência de terras improdutivas serem mantidas indevidamente improdutivas. Um outro fator da questão agrária é essa emergência de uma série de atividades de prestação de serviços. Por exemplo, no jornal:

Zona da Mata de Pernambuco com a Fazenda que foi desapropriada para fazer um assentamento.

A fazenda era de cana-de-açúcar e tem uma casa grande do tempo dos holandeses; resolveram parar com a cana, fizeram um museu da casa histórica e construíram uma hospedagem.

Vou contar uma historinha para mostrar onde eu quero chegar: eu tive oportunidade, três anos atrás, de fazer uma consultoria na Europa, Andaluzia (sul da Espanha), que equivale ao nosso Nordeste, muito pobre, quente, árido. A grande atividade produtiva da região era a criação de cabra e produção de azeite de oliva.

Só que a oliveira é uma árvore enorme e eles precisavam podar de vez em quando. Então, o Sindicato dos Obreiros Campesinos queria entrar com uma demanda para o Governo para arrancar as árvores mais velhas, pouco produtivas. O pessoal já era idoso, era difícil subir em escadas, porque é complicado colher azeitona em uma árvore desse tamanho e havia muitos acidentes. Fizeram um pedido de financiamento para plantar variedades novas, plantas enxertadas, que ficam mais baixas.

O problema da Espanha hoje é que ela produz um excedente de óleo de oliva que não tem consumo no mundo. O óleo de oliva para vir à nossa mesa precisa ser misturado com uma proporção de óleo de soja, quase meio a meio, por ser muito ácido e ter alto teor de colesterol. Hoje o consumo de óleo de oliva decaiu. Atualmente a Espanha luta contra o problema de não conseguir vender tudo o que produz. Agora, imaginem se financiassem a extração das antigas oliveiras e as substituíssem por outras mais produtivas ! ...

A alternativa foi tentar outras atividades, mas é uma região muito árida, tudo fica muito caro por não ter água e ela ter de ser bombeada de longe. Até que, finalmente, descobriram nessa região da Andaluzia a chamada Possa do Sol: os nórdicos, noruegueses, vêm passar o inverno nos Balneários do Mediterrâneo. Os comerciantes da Finlândia, aposentados, vêm de carro, ônibus, excursão para os Balneários. Ao invés de arrancarem azeitonas, financiaram para que cada um desses pequenos agricultores familiares construíssem uma pousada que dá o café-da-manhã. Acabou o problema da produção de azeitona, de venda do produtor e virou uma área de preservação.

Em Jaguariúna, na casa do guarda de um condomínio, tem uma placa "Sítio - Vende-se". O pai do dono, imigrante italiano, veio

para cá, colono de café, trabalhou, e agora está conseguindo comprar 10 hectares e tem nove filhos. Vendeu metade para uma Imobiliária e fez um condomínio de alto padrão, de luxo. Cada filho, além de construir sua casa, trabalha em uma coisa: um é jardineiro, outra é empregada doméstica, Sr. Ermelino montou um pesqueiro Pesque-e-Pague, cria minhocas. Criou-se uma nova dinâmica econômica ligada não à atividade agrícola. Do lado tem uma fazenda, Crisântemo, que exporta flores. Essa é uma dinâmica completamente diferente da anterior, do Sr. Ermelino. Mas é um novo espaço, um novo eixo de atividade.

Essa é a idéia: o que esses espaços, esses nichos de atividades são para aquele que desafia o setor de prestação de serviços, que é a grande mudança, também essa atividade da reforma agrária.

A idéia central que eu queria deixar para vocês é essa:

Pela dimensão que tem o problema agrário nesse país, a quantidade de gente sem-terra, seu preço, é difícil pensar que a gente possa fazer uma reforma agrária que seja exclusivamente agrícola. Se fizer, não vai ter gente para comer o arroz e o feijão que vai ser produzido. São níveis de renda baixos que se deve esperar para uma terra exclusivamente produtiva.

Mas se for possível combinar essa atividade agrícola, parte produção no mercado, parte recuperar a produção doméstica de autoconsumo, subsistência: fazer o doce em casa, fazer o queijo, é uma indústria doméstica que pode ser reativada e que pode ser altamente lucrativa com produtos de qualidade.

Em Brasília, o Governo do Distrito Federal está fazendo uma campanha que chama "Faça Sua Indústria, Briga Industrial"; tem uma nutricionista que supervisiona e eles fazem marmelada, doce-de-goiaba, tudo aquilo que é perdido no rural está virando produção artesanal com uma determinada orientação.

Se nós pudéssemos combinar a atividade agrícola-comercial com algum nível de atividade doméstica-artesanal, seja para

autoconsumo, produção comercial, com novas atividades, e principalmente com prestação de serviços não-agrícolas, a possibilidade de inserir esse “sem-sem” seria muito maior e com isso recompõe-se a unidade familiar, que estará sendo uma unidade de produção. Se nós conseguirmos recuperar essa idéia de a família ser uma unidade, não apenas de moradia, como também de consumo, de renda e de produção, de viabilizar uma reforma agrária, que não será mais exclusivamente agrícola.

Hoje não faz mais sentido uma separação rígida entre meio urbano e meio rural.

A transformação na base técnica-produtiva tornou esses limites das atividades muito difíceis de serem estabelecidos. As atividades agrícolas não estão somente no mundo rural. Você vê que nas cidades há um conjunto de atividades agrícolas importantes. Vocês já viram essas hortas? Criação de pequenos animais? Há muitos orquidários, flores produzidas em estufas..

Mais uma coisa interessante: a idéia do urbano esteve sempre ligada à atividade industrial. Mas a indústria não nasceu na cidade, e sim, no campo. As grandes indústrias tinham que estar perto da fonte de energia, que era hidráulica; só tinha energia hidráulica, queda d'água, roda d'água. Então, as grandes indústrias têxteis, por exemplo, se localizavam no campo. A cidade era o local de moradia, cercado de um muro para defender as casas das invasões dos bairros, daí se deve o perímetro urbano.

A agricultura se fazia dentro da cidade. Fora era a pecuária, proibida no perímetro urbano desde a Idade Média, porque levava peste, porque levava doença, os ratos. Diferente da agricultura, que sempre foi uma atividade urbana. E a indústria, que nasceu no campo, vai para a cidade, com a invenção da máquina a vapor, que é considerada a mãe da cidade.

Hoje é difícil falar da importância desse corte rural/urbano, melhor falar no contínuo de atividades e em um conjunto de atividades que têm que ser combinadas, que não são mais as atividades

agrícolas naquele sentido de dependerem da terra, da natureza. Hoje, todas as atividades agrícolas dependem pouco da natureza, da chuva, porque pode-se fazer uma estufa, irrigação, aquecimento, podemos contar com uma série de condições artificiais que de alguma maneira se produz.

Que implicação tem isso? De se pensar o rural, o urbano, um como contínuo do outro?

É pensar novas políticas para o rural. Que políticas? Por que o sujeito veio para a cidade? Porque não tem emprego no rural, não tem moradia, não tem educação, assistência médica. Em resumo, precisamos dar cidadania para o rural. O cidadão vai para a cidade para encontrar a cidadania, o lazer, a praça, a casa, o serviço médico, o cinema, a escola, um emprego. Mas, na cidade ele não consegue encontrar, não vai conseguir. Você simplesmente desenraíza os filhos do campo e não os torna cidadãos por causa de sua cultura, modo de vida, pela idade. Mas não é necessariamente voltar à escola rural, não precisa estar no campo, precisa ter educação. Não importa trabalhar na cidade, ele pode vir estudar na cidade, porque hoje nós temos meios de comunicação e meios de transporte que tornaram essas distâncias físicas muito menores. Então, se a pessoa tem casa, comida, porque vamos tirá-la de lá e colocá-la aqui, onde a casa é menor, não tem horta, não tem a galinha? Não, eu vou fazer com que a televisão chegue lá, a luz elétrica chegue lá e passe um ônibus escolar para pegar as crianças.

Mas, para fazer essa política é necessário antes fazer a reforma agrária, construir vilas rurais, recuperar vilas. Até hoje este país não tem financiamento para construções rurais. Se eu quiser reformar ou construir uma casa no meio rural, não tem jeito.

Apesar de na prática, nas condições objetivas já estar superada a dicotomia rural/urbana, mantém-se toda uma legislação que discrimina o rural, que o trata como um local privado.

Deixe-me falar um pouco da globalização.

Na questão da globalização temos dois itens muito diferenciados em relação à agricultura. Na verdade, dizem respeito às

suas funções principais. Um é o lado produtivo e o outro, da conservação, preservação do meio-ambiente.

Hoje, do mesmo jeito que se produz um carro mundial (um Ford, por exemplo, que é construído em várias partes do mundo), a agricultura já é muito próxima desse carro. No caso do suíno produzido na Holanda, que é uma grande produtora mundial de alguns tipos de suíno, usam soja brasileira na ração, aço coreano nas gaiolas, o medicamento é francês, ou seja, você tem também um processo produtivo, como se as partes daquele suíno fossem produzidas aqui no Brasil.

E ele na verdade, lá, é só o sujeito que engorda o suíno, nem a matriz ele tem, que vem de outro lugar, da Alemanha, no caso.

Então, temos um processo de especialização da produção agrícola, que se aprofunda muito com essa globalização, e que faz uma nova divisão do trabalho, onde esse complexo soja/carne seja talvez o complexo mais acabado hoje, mais paradigmático dessa globalização.

Os países desenvolvidos ficam com a atividade de terminação do produto, como engordar o porco; ou, na produção de flores, eles recebem a mudinha e fazem só florescer, colocando hormônio, atividade normalmente ligada à terminação do produto.

E os países subdesenvolvidos ficam com a produção das matérias-primas e processamento. A soja que entra na ração do suíno da Holanda é uma soja com nível de óleo baixo, menos de 12 %. Para fazer isso, nós somos obrigados a extrair óleo do farelo, que dá o óleo de soja. Então, para nós vendermos soja para a Comunidade Européia, nós nos tornamos um grande consumidor desse óleo, que é um produto secundário do ponto de vista das exportações. O produto importante na soja na soja é o farelo para alimentar o suíno na Holanda. É isso que impulsionou o desenvolvimento. O óleo é só o produto do mercado interno, baratinho para alimentar o trabalhador.

Essa é a nova divisão do trabalho que se impõe do ponto de vista produtivo. E cada vez mais nos países desenvolvidos, o

agrícola é muito mais de alimentos frescos e perecíveis, e tem muito mais a ver com a questão da logística, que é a distribuição rápida, *fast-food, just in time*. São esses negócios que hoje “puxam” a produção agrícola. Cadeias alimentares que vão até o restaurante, trabalho sob contrato do Mac Donald’s, Pizza Hutt, produzindo um tipo de alface que vai ser colocada no avião, saindo daqui sem agrotóxicos. Isso de um lado. Do outro lado, a globalização tem mostrado que você tem um excedente de produção. O problema da fome hoje é por outras razões, que não a falta de alimentos. A fome existe é por falta de dinheiro. Sobra alimento, de modo que há uma grande pressão para redução dos níveis de oferta, e os países desenvolvidos têm feito políticas para reduzir a produção.

E, nesta política de reduzir a produção, vêm as políticas de recuperação do meio-ambiente.

São basicamente dois blocos políticos: tornar menos intensivo o que se produz para usar menos agrotóxicos, menos química, intensificar a produção. Então, ao invés de criar boi confinado. passa-se a criar o boi no pasto, na pecuária extensiva..

Temos que evitar o aumento dos excedentes. No caso brasileiro, nós temos um problema de queda de safra nos últimos anos, mas se nós produzirmos 80 milhões de toneladas, sobra alimento, pois não tem gente que tenha condições de pagar para comer esse alimento. A menos que tenhamos um processo que facilite a distribuição de renda e a elevação dos salários.

É uma ilusão acharmos que nós temos problema de capacidade produtiva. A agricultura brasileira pode duplicar sua produção hoje, com a mesma área que tem, com a mesma tecnologia que ela usa.

O problema é que não temos a demanda, e a demanda no sistema capitalista tem a ver com o poder aquisitivo.

Não dá para pensar em uma reforma agrária. Temos que pensar em muitas reformas agrárias. Precisa-se pensar em muitos modelos que tenham inserções regionais diferentes. Não se pode

fazer uma coisa na Amazônia e outra igual em São Paulo, com as mesmas características. Muito do que eu disse aqui vale para regiões que estão próximas de núcleos urbanos, não para regiões do meio da Amazônia. Não é um modelo único. Mas tendo a idéia de ter diferenças regionais e de combinar a atividade agrícola com a atividade não-agrícola, é uma receita, em geral, válida para a maior parte das regiões. Podem existir alguns lugares onde não seja possível prestar atividades não-agrícolas, mas a maior parte permite isso.

A indústria doméstica, por exemplo, é uma coisa que pode ser recuperada. Os assentamentos melhores sucedidos que eu conheço são aqueles que partiram para as agro-indústrias: você produz leite partindo para ter uma ordenhadeira que produz iogurte, faz queijo; criar suíno partindo para a fabricação de lingüiça..

Essa interação entre a indústria rural e a indústria doméstica é muito importante porque, se não, não gera atividade e, principalmente, não gera atividades dos jovens, o que é um grande problema social.

Uma outra característica fundamental da reforma agrária é ela ser descentralizada. Tem que ter um programa de descentralização, envolver município, envolver a comunidade.

Tem que ter um processo de organização, o acesso à terra não pode ser uma esmola agora.

Esse processo de luta de conquista da terra é um aprendizado que não se faz sem escola.

Existem duas vertentes totalmente diferentes, que são: as pessoas que já tem acesso à terra, que não são poucos e que estão enfrentando problemas, como todos os pequenos agricultores do país: problemas de política agrícola, problema do que produzir, problema de falta de crédito, problema de dificuldade de comercialização. Então, esse é um grupo que está partindo para a idéia das cooperativas (Movimento dos Sem -Terra que Já Tem Terra).

Este grupo tem hoje até escolas próprias, compra tratores e está fazendo um movimento cooperativo. Se for nessa direção, acredito que vá muito longe. Eles têm uma fábrica de calças *jeans* já num assentamento, que é para empregar as mulheres - é uma região que tinha muitas mulheres, no Rio Grande do Sul.

O outro lado do Movimento Sem-Terra é o lado da organização dos sem-sem, e que eu hoje vejo num caminho importante, se conseguirem organizar realmente a periferia da cidade. O que de fato o Movimento Sem-Terra conseguiu organizar é uma parcela ínfima dos sem-sem. O Movimento Sem-Terra tem 45.000 famílias acampadas, lutando por terra; tem mais ou menos 2 milhões de sem-sem nesse país. E muitos desses sem-sem estão nas periferias, que precisam ter uma inserção, pois já não são mais agrícolas. Eles são muito mais sem-teto do que sem-terra. Parece que o caminho natural dos sem-terra é para esse lado dos sem-teto.

E há experiências muito bem sucedidas de agro-vilas e de reformas agrárias urbanas.

Curitiba já teve, há 5 anos atrás, agro-vilas onde pessoas desocupadas trabalhavam de pedreiros e vendiam o lote com banheiro e cozinha prontos, e o proprietário ia devagar expandindo sua casa.

Se nós conseguirmos resolver os problemas dos próximos 10 anos (10 anos é uma geração neste país), os "trombadinhas", prostitutas, esse excedente de população que foi despejado hoje e que nós estamos matando com droga, marginalidade, fome, eu já estou satisfeito.